



Opérola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas *—

Semestre	250 reis
Com estampilha	300 reis
Avulso	30 reis

Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Director e Proprietario

Francisco d'Oliveira Bello

Composição e impressão—Typ. A. F. Vasconcellos, suc.
Rua de Sá Noronha, 51—PORTO

Director gerente e redactor, M. Duarte Silva

Administrador, Manoel Alves Correia

«O original publicado ou não, não será devolvido».

THEATROS

Hoje quasi que não ha theatros. Estes são tão poucos e os preços tão elevados, que a maioria da população portuense está preferindo o cynematographo. embora augmentem os institutos ophthalmologicos depois que aquelles aparelhos appareceram a exhibir as suas fitas. As empresas enriquecem, mas esforçam-se por apresentarem sempre cousas novas aos olhos dos espectadores.

Ali exhibem-se operas, dramas, comedias, costumes e usos.

As operas e dramas declamados e com tal perfeição, que quasi nos chegamos a convencer de que estamos n'um theatro lyrico ou dramatico a ouvir os melhores artistas.

Hoje vimos uma fita dramatica, emocionante.

Exhibia-se o drama historico «Adriana de Bertaux» ou uma «tragedia de amor», cujo argumento é o seguinte:

«O conde de Clervaux, Ajudante de Campo do Marechal de Bertaux, frequenta, por razões de serviço, inherentes ao seu cargo, o palacio do Marechal, onde conhece a filha d'este, formosa joven de desoito annos.

Desde o primeiro momento em que se encontram, nasce entre os dois jovens uma grande e reciproca sympathia que a continua frequencia do Conde ao palacio e a doce intimidade que o accaso lhes proporciona se torna immediatamente em ardente amor.

O pae, que nada suspeita, deixa-os viver em completa liberdade, aproveitando o Conde essa confiança para correr para junto de Adriana sempre que o serviço de ajudante do Marechal

lh'o permite; dando com ella largos passeios pelos jardins do palacio durante os quaes se fazem promessas de amor que julgam poderá vir a ter para os dois um futuro cheio de felicidades, não pensando, pois, os dois namorados mais do que amar-se e pensar n'esse futuro. Sem embargo esse amoroso idyllo é brusca-mente interrompido.

O duque de Charmont, rapaz pretencioso e elegante, pertencente a uma das familias mais ricas e nobres da França, principia visitando a casa do Marechal onde tem occasião de encontrar-se com Adriana que lhe é apresentada por seu pae, enamorando-se o duque de tal fórma pela bella filha do Senhor de Bertaux que pede a sua mão a este, pedido que é acolhido com o maximo prazer e immediata-mente accete.

Adriana oppõe-se com toda a energia á decisão paterna, mas por fim, cansada de lutar e comprehendendo que lucha em vão, accede aos desejos de seu pae o qual apresenta como noiva sua filha ao Duque de Charmont.

Principia o martyrio de Adriana e do Conde de Clervaux, que não tendo já a liberdade de outros tempos deixam de se ver tão a meudo e interrompem os seus idyllios amorosos, aproveitando sem embargo, nos momentos em que o Marechal está ausente—com a ajuda de uma velha serviçal de confiança que vigia para que elles não sejam surprehendidos—todas as occasiões que se lhes proporcionam para terem entrevistas amorosas em que Adriana e o seu amado Gastão continuem a amar-se em segredo.

Em uma d'essas entrevistas tem a referida confidente de Adriana, de correr pressurosa a avisa-los de que podem ser surprehendidos deixando os dois amantes em manifesto desespero, mas promettendo novo encontro. Apesar d'isso Adriana ao ser es-

treitada apaixonadamente ao coração pelo seu amado Gastão, não quer deixa-lo partir, tendo por fim de aceder ás supplicas da sua velha amiga. Passados alguns dias, d'essa dolorosissima separação o Marechal convida todos os seus amigos, para no seu sumptuosissimo palacio assistirem á assignatura do contracto nupcial que deve ter logar entre sua filha e o Duque, e Gastão que não encontra motivo para se ausentar é obrigado a assistir a essa festa que tanto o faz soffrer, assim como tambem á sua bem amada por o ver assistir a esse acto, pois comprehendem que é a ultima vez que, como mulher livre, pode ve-lo, tendo os dois em todo o caso a coragem, apesar do grande desespero que lhes vae n'alma, de occultar o seu soffrimento aos olhos indiscretos dos circumstantes.

Procede-se logo e estão todos os amigos do Marechal, á assignatura do contracto e no momento em que Adriana é obrigada a pegar na penna para assignar, tremendo como uma ave-sinha ferida de morte e olhando desesperadamente para o seu bem amado repara que elle faz esforços sobrehumanos para denunciar o seu desespero pois a sua dignidade de cavalheiro lhe não permite revelar com actos ou palavras que podiam ser mal interpretadas pelos convidados, que tudo ignoram a pena atroz do afago e o martyrio que o devora.

Realizado o casamento os Senhores Charmont estabelecem-se em um castello, proximo do mar.

Transcorrido um anno após o casamento, Gastão, encontrando-se um dia só, em um dos luxuosos salões do palacio de Bertame em meio de tantos objectos que lhe recordavam a presença de Adriana, tirou do seu bolso um retrato da bem amada e cobriu-o de beijos, chorando amargamente o seu atroz desengano.

N'esse momento entrou o general, Gastão consegue repentinamente esconder a effigie da mulher dos seus sonhos e o general apesar das lagrimas que via correr dos olhos do seu ajudante não conseguiu saber a razão que as provocava. E estando chegado o dia do anniversario do casamento de sua filha e desejando mandar um presente, encarrega o Conde Clervaux de ser o portador d'elle no dia immediato. O Conde accetea cheio de prazer o encargo que lhe confiam, certo de que pôde por essa fórma ter a occasião de vêr a dama dos seus pensamentos a bella Duqueza de Charmont, e parte logo que lhe é entregue.

Quando chega ao castello, é introduzido no salão d'honra e immediatamente appareceu Adriana e seu esposo, procurando ella ao reconhece-lo dissimular a impressão que recebe n'esse momento.

Gastão explica aos Duquezes o motivo da sua visita e sendo magnificamente recebido pelo Duque este communica-lhe que em virtude de assumptos inadiáveis tem de partir para uma viagem e, os dois antigos namorados acompanham-no á porta do Castello e ficam sós! Dirigindo-se aos jardins onde, do alto de um terraço olhando-se enternecida e meigamente, gosam a magnifica vista de mar, lembrando-se dos tempos passados. E Gastão que se encontra ao lado da sua bem amada a mulher a quem tanto adorava e ainda ama com todas as veras do seu coração não pôde, por mais tempo, conter os impulsos d'essas recordações e da paixão que novamente estalla em seu peito e quer-lhe recordar o passado. Ella manifesta-lhe a sua dignidade de esposa, mas commovida pela excitação do homem que tinha sido o seu primeiro e verdadeiro amor, embriagada com as suas apaixonadissimas palavras e pelas lagrimas que lhe vê saltar

AS VICTIMAS DO MAR

(A' AUCTORA DO AMOR NO CAMPO)

dos olhos, aproxima-se d'elle, beija-lhe os cabellos e cae em seus braços.

Depois de alguns dias Gastão escreve uma carta a Adriana pedindo-lhe uma entrevista no jardim, supplicando-lhe que não falte, pois, tendo de partir, talvez para sempre, deseja ve-la pela ultima vez.

Entretanto chega o duque que surprehende sua mulher cobrindo de ardentes beijos a carta que tinha recebido e é assaltada por uma horrivel suspeita de traição. Adriana acabando a leitura da carta, escondeu-a n'um açafatinho de flores que tem sobre uma meza de nogueira e o Duque que se encontrava escondido de traz de uma porta, d'onde, assombrado havia presenciado a scena muda de louca paixão, entra dissimulando a sua horrivel suspeita, saúda carinhosamente a esposa a quem offerece uma flor e retira-se.

Apenas a Duqueza sae do salão, entra o Duque que se aproxima da meza e vê a carta, e depois de pensar se deve ou não inteirar-se do seu contheído por ter medo que se realcem as suspeitas que lhe feriram o coração. Abre-a. Certo de que é atraído, tremendo de emoção por que Adriana que elle tanto ama, adora outro homem, chora amargamente o seu amor perdido, a sua felicidade desfeita e logrando dominar a colera que o assalta, jura vingar-se, matando o odiado rival e procura na morte o meio de os surprehender sem que elles de tal possam aperceber-se.

Effectivamente Adriana accede ao pedido de entrevista marcado por Gastão e andando no jardim os dois amantes terna e

felizmente abraçados chegam a um quarto do Castello que Gastão abre e entram.

N'esse momento chega o Duque que fecha a porta por fóra correndo ao Castello onde chama um creado a quem ordena lhe traga immediatamente duas pistolas, sendo elle proprio que se encarrega de carregar uma d'ellas.

O seu plano está combinado e a sorte decidirá da sua vida ou da vida do seu aborrecido rival.

Depois de algum tempo Adriana e Gastão, querem sair, mas encontrando a porta fechada suspeitam com assombro e terror que ella está fechada por fóra e o pensamento de haver sido descoberto o seu amor deixa-os aterrados e n'esse terrivel momento o Duque que volta do Castello abre a porta e apparece-lhes de improviso.

Chegara a hora da vingança. Entre os dois homens não se troca uma unica palavra mas dos seus olhos saem chammas de odios.

O Duque aproxima-se de Adriana a quem obriga a escolher uma pistola o que ella faz tremendo, e ordena lhe a entregue a Gastão.

A sorte fatal encarrega se de fazer com que a pistola carregada fique em poder do marido e este dispara cahindo Gastão mortalmente ferido. Adriana de Bertaux, louca de dôr, acerca-se de Gastão que jaz morto, deita-se sobre o corpo, abraça-o e cobre-o de beijos... o que é presenciado pelo Duque que verdadeiramente emocionado contempla profundamente tão triste scena».

Esta fita é enorme e surprehendente.

O vento com voz sombria
Ramalhar triste se ouvia
Nas franças dos arvoredos.
O mar as ondas levanta
E, com rugido que espanta,
Vem quebrá-las nos rochedos.

Sosinha, triste, a scismar,
Co'os olhos fitos no mar,
Uma creancinha bella
Olhava as ondas revôltas,
A bramir, quaes furias soltas,
No meio de feroz procella.

Seus olhos azues, formosos,
Tinha os tristes, lacrimosos...
E o peito gemebundo
Soluçava fortemente,
Como quem pena, quem sente
Um soffrimento profundo.

E' que alem o pescador
O seu pae, o seu amor,
Talvez andasse perdido...
A procurar o sustento,
Alegre e cheio d'alento,
Para o mar tinha sahido.

E a creança soluçante
Tinha em si a dôr vibrante,
Que o coração lhe pungia;
Aos céos as mãos levantava,
Por vêr que o pae não chegava,
E entre lagrimas dizia:

Abranda, ó mar, tuas ondas,
Em ti meu pae não escondas,
No fundo das negras aguas!...
Sou pequena!... fico só!...
Tem piedade... tem dó!...
De minhas queixas e maguas.

Deixando o nosso casebre
Partiu... morreu co'a febre
A minha mãe adorada!...

Bem me lembro d'esse dia
De tristeza, d'agonia,
Em que a vi amortalhada!...

Que farci, pois, neste mundo,
Como tu, pégo profundo,
Sem mãe, sem pae, sem um guia?!...
Serei sempre despresada,
Aos pés de todos calcada...
Viverei sem alegria!

Morar no mundo da dôr,
Sem um anjo protector
Que nos diga:—tu és minha!
E' viver no soffrimento,
Num incessante tormento!...
E' triste ficar sosinha!

Ter no mundo companhia
P'ra compartir a alegria;
Ou a dôr que nos tortura,
E' viver mais satisfeito,
E' sentir dentro do peito
Consolação e ventura.

Não sejas, ó mar, tyranno!...
Por ventura fez-te damno
O meu pae, o meu amor?!...
Põe de parte a crueldade!...
Se te não rende esta idade...
Renda-te, ao menos, a dôr!...

A'quelle choro (que penuria!)
Responde o mar com mais furia,
Que lhe encobre os duros ais;
Parece dizer:—«Creança,
Perde a candida esperança,
Que teu pae não volta mais».

No ar passa uma andorinha
E, vendo-a ali tão sosinha,
A gemer, a suspirar,
Teve d'ella compaixão
E veio rapida ao chão
A creancinha beijar!...

NOITE DE VOLUPIA

(CONCLUSÃO)

Que noite tão poética e formosa!
Que noite tão ridente e diamantina!
Vae correndo sorrindo esplendorosa
Pelo regato a lympha crystallina;
Banhando mansamente, rumorosas
As orlas verdejantes da campina
Emquanto o par ditoso apaixonado
Sorri sereno, alegre e extasiado.

—E's tu a minha amada meiga e bella,
Alma diaphana, formosa e pura!
E's tu, só tu a tímida donzella
Que eu amo n'este mundo com loucura!
Diz-lhe o joven beijando o rosto d'ella
Com melifera e magica ternura;
E entre beijos febris enlanguescida
Parecia a donzella adormecida.

Poetas que cantaes! Meigos poetas!
As estrellas, as nymphas, os amores;
Que cantaes os Romeus e Julietas
Em joviaes canções com mil primores;
Que nas citharas vossas predilectas
Elevaes ao empyreo mil louvores;

Escutae, escutae do terno amante
Sua doce cantata delirante:

--Pallida virgem, delicado lyrio!
Quando te vejo sorridente, airosa,
Sinto em meu peito commoção nervosa,
Sinto pulsar o coração febril.
Eu deseioso de beijar-te extatico
Morro de anhelos, de febris desejos;
Deixa que eu cubra com milhões de beijos,
Teu lindo rosto divinal, gentil.

Em lindas noites, quando a lua pallida
No ceu fluctua, para nós sorrindo,
Faz-me lembrar esse teu rosto lindo
Na pallidez, na sua linda côr!
Oh! que ventura! que prazer! que júbilo!
Eu sinto ao vêr-te juvenil, airosa!
Sinto minha alma jovial, ditosa,
Vêr-te sorrir n'um luminoso alvôr!

A branda aragem perpassando tépida
De rosa em rosa n'uma essencia bella,
Vae rumorosa, lyrial donzella,
Nossos segredos elevando ao ceu.
Silenciosas as estrellas lúcidas,
Presos, captivam no infinito empyreo,
Ouvem as fallas d'um lethal delirio
Meigas, d'amôr, do lindo peito teu.

Nadas em ondas de subteis effluvios,
Formosa Alzira, divinal encanto!
Tu és a virgem que eu adoro tanto,
Que em aureos sonhos infantis me attraes.
Tu és a lympha que languisce candida,
Tu és a fada dos meus roseos sonhos,
Tu és dos anjos mais gentis, risinhos
Por quem eu solto tão queridos ais!

—E a pallida beldade fascinada
Pelas palavras candidas d'amôr,
Sentiu-se delirante e extasiada
Com magica ternura e com fervôr;
E na relva viçosa, desmaiada
Sorria para o ceu com dôce ardôr...
Entretanto por entre os salgueiraes
As aves descantavam madrigaes.

Que noite tão formosa, encantadôra,
Toda d'amôr e célica harmonia.
Da lua a sua luz consoladôra
Enche tudo de esp'rança e d'alegria.
Tudo sorri, suspira e tudo adora
N'esta quadra sincera de poesia;
Dorme tudo em socêgo! o os namorados
Beijam-se á luz da lua desmaiados.

Porto.

PINTO FERREIRA.

A PEROLA

Passados vão já tres dias
E o mar de vagas sombrias
A furia não acalmou;
Divagando pela areia,
Ainda chora e aneia
Pelo pae, que não voltou.

Então, qual rosa pendida,
Sem alentos já de vida,
Vacilante na praia cae;
Com os olhos sobre o mar,
Ella morre a suspirar...
O doce nome de pael...

Algures, II-1910

Oscar d'Alvasil.

Um vencido

(TRADUÇÃO)

Um tremendo desengano amoroso e uma terrível injustiça social—desgraças que não veem ao caso apontar agora, privaram-nos para sempre de Arthur, o melhor o mais sabio, e o mais animoso d'aquelle punhado de amigos que luctavam por conquistar um nome honrado e uma fortuna.

Todos lhe presagiavamos um grande porvir, sentindo-nos ufanos dos seus pequenos triumphos que nos pareciam um adiantamento da sua futura gloria.

Admiravamos n'elle, á parte as suas condições de laboriosidade, talento e cultura, aquella sua vontade de ferro e coragem com que soube afrontar as contrariedades e vicissitudes da lucta, que longe de o fazer esmorecer lhe davam animo e alento.

Por isso quando, depois dos infortúnios citados nos manifestou a sua irrevogavel resolução de se retirar do mundo para sempre, por mais que pensássemos, não atinamos, nem comprehendemos como se pôde variar tão radicalmente de conducta. A nossa surpresa foi grande, e fui tambem o primeiro a ficar mais surpreso!

A experiencia ensinou-me depois, que só nos corações mui apaixonados é que pôde florescer a planta do desalento, e que os homens que teem vontade são os unicos capazes de a perderem.

Com effeito; do mundo se retirou o pobre Arthur, embora não fosse enclausurar-se.

Bem que a sua vida fosse austera e recolhida como a de um religioso pois refugiado n'uma pequena herdade não quiz mais voltar a relacionar-se com nada nem com ninguem que lhe recordasse o passado.

Só a mim me escreveu uma carta longa e sincera, justificando os motivos da sua decisão, carta que conservarei sempre entre as recordações da minha juventude, e que agora acabo de ler talvez pela vigesima vez.

«Como vez—me dizia elle,— depois de me descrever a sua

vida cheia de dores—é inutil oppormo-nos ao triumpho das couzas. O melhor é deprecial'as e assim será certo o nosso proprio futuro. Eu bati ás duas unicas portas da vida e ninguem me respondeu.

Outro mais debil deixar-se-hia morrer; ou se fosse um vaidoso tentaria entrar por ellas fosse como fosse. A mim, esse fracasso, serviu para me fazer comprehender que tudo está dentro de nós mesmos e que a unica sabedoria consiste em metermos o mundo no nosso coração, e não darmos o coração ao mundo!

E' esta a verdadeira sorte. Quem nos poderá tirar o nosso poder e felicidade?

Escrevo-te só a ti e pela ultima vez, e supplico-te que me não respondas. Ainda que o fizesses as tuas cartas não me chegariam ás mãos, porque recomendei que rasgassem todas as cartas que me fossem dirigidas. Não é porque receie que me convenças, pois estou seguro n'esta minha nova vida; mas quero suprimir as recordações, por que só servem para me debilitar a alma!...

Confesso que ao ler esta carta, julguei sinceramente, que o meu amigo tivesse enlouquecido; certo que nas suas palavras se escutavam os eccos d'algumas ideias que todos temos por respeitaveis, mas elle, como eu, considerava como um elemento de poesia, sem realisação possivel, e d'ahi que eu o julgo louco ao confessar-me que se disputava a justifica-las.

Era uma victima!... E como a loucura não é se não o disfarce da morte, chorei pelo morto—aquelle rapaz tão bom, tão intelligente e tão animoso!

Calcule-se o meu assombro quando hontem elle se apresentou em minha casa!

—Tu que foste o unico a quem expliquei o meu grande peccado, recebe agora o meu arrependimento...

Volto á vida, e o que sinto, é não ter as mesmas armas que arrojéi não sei se temeroso ou egoista...

Mas não encontraste o segredo da felicidade?

Ah! replicou Arthur melancolico—quiz viver n'uma philosophia que só é boa para os ricos, e eu naturalmente... estou pobre!

Como não me occupei em nada fui gastando tudo, tudo perdi; e agora... começo de novo...

Não dizias que aquelle que se convence de que é feliz e poderoso nada lhe pode tirar o seu poder e a sua felicidade?—Sim, mas o peor é que não podemos convencer tambem a quem nos traz a conta...

A. P.

Perguntaste-me um dia oh minha bella
O que dirá a lua se fallar
Que segredos saberá quem a escutar
A' noite debruçado na janella.

Callada estará sempre, é sorte d'ellal
Jámais poderá dizer o seu pensar...
Mas eu dispenso bem o seu fallar,
Pois m'o segredou hontem uma estrella!...

Pensa ella que de tudo que alumia
Dos vastos céus onde fluctua
Nada ha de belleza e harmonia

Que se possa dizer igual á tua!...
Era isso que minh'alma já sentia,
E se fallasse o que diria a lua.

Porto

Carlos

Pela Arte

Vão felizmente apparecendo agora alguns denodados e heroicos luctadores de animo alevantado e firme, cheios de coragem e esperanza batalhando em defeza da Arte.

Já não é tão raro ver-se o apparecimento d'um livro, duma revista, d'um *jornal litterario*, unindo-se ás fileiras dos que procuram por um esforço espalhar a luz em derredor.

Não são pequenos os obstaculos a vencer, os barrancos a transpor, as luctas a encetar. No entanto, de animo afoito aos combates, com a coragem e a tenacidade proprias de quem cumpre uma missão grata, embora espinhoza, de quem não receia as tempestades porque a sua rota é a do dever, do bem, vão surgindo os defensores da Arte entoando os seus gritos de guerra que são canções maviozas, despedindo lançadas fulgurantes de luz, raios purissimos de luar.

Ao rizo ironico dos que lhes não comprehendem o nobre incentivo respondem com um sorriso de lastima; ás chufas da troça com um olhar de desdem, e aos esforços dos émulos com um esforço mais alto!

E a Arte, a deusa sublime dos sonhos d'oiro, a dama formozissima que os impelle ao combate cavalheiresco, beija-os do alto da sua gloria soltando olhares que são estrellas, sorrisos que se transformam em arreboes matutinos...

Que embora, seja temeroso e potente o combate, embora se mostre renhida a lucta, não recuem aquelles que pelejam em prol da causa justa e digna de esforços sublimes, não vacillem se uniram para o engrandecimento d'uma ideia—e só assim de olhos postos no azul risonho da sua crença, da sua fé, convictos da sua força, conseguirão erguer no seu throno magestoso e circundar da primitiva aureola refulgente o ideal que os alente, a visão diamantissima porque batalham. Se pequeno tem sido o nosso, debil a nossa ajuda, res-

ta-nos a consolação de nos enfileirarmos tambem, embora, na ultima linha, nas hostes dos que pugnam pelo Ideal, pela Arte.

Augusto A. Correia.

POSTAES MASCULINOS

Eu ia escrever-te em verso.
Mas em verso que diria,
Se já és deste universo
A dulçorosa alegria,
Meu sonho de todo o dia
Gloria, amor e poesia?!

Max. Gomes.

Viver-se ausente do ente amado é peor que se viver em extrema miseria.

Antonio Ribas.

A JOÃO ALFREDO

O amor é a phrase revolucionaria que se apodera de tudo, é um iman lascivo que a mulher possui nos olhos para captivar o homem, é um eco sorridente que nos atordoa o pensamento.

Emile Medina.

A esperanza entre os namorados, é uma das maiores glorias do amor.

Antonio Rodrigues.

POSTAES FEMININOS

No mais recondito da alma da mulher ha uma estufa onde brotam alternadamente o amor-perfeito, a saudade e o martyrio. Servem-lhes de zephiro—os suspiros e de rega—as lagrimas.

Henriqueta Trindade.

O omnipotente, para ornamentar o céo, creou as estrellas; para adornar os campos, as flores; para o vasto oceano, os peixes; e para amenisar a minha existencia, um coração materno.

Violeta da solidão.

Vêr a pessoa a quem dedicamos um amor profundo e que muito nos fez soffrer, é despertar em nosso peito saudades que desejaríamos eternamente adormecidas.

Neda Mello.

O amor é a unica estrella que brilhando na cerrada noite da existencia a torna ditosa.

Alice Vidigal.

A PEROLA

SECÇÃO CHARADÍSTICA

(Director, M. Duarte Silva)

Correio sem sel'o

CONCURSO A PREMIO

No proximo n.º abriremos novo concurso charadístico a premio.

O premio que por enquanto não se annuncia, será digno de nós que o offerecemos e d'aquelle que o receber. Será annuciado no proximo n.º.

As condições para esse concurso ficam desde já expostas e são as seguintes para as quaes chamamos toda a attenção dos interessados:

As decifrações serão enviadas como até aqui para o Porto e no prazo de dez dias. As que vierem depois d'este prazo não serão accites. Serão contadas todas as decifrações que satisfaçam a todos os preceitos, embora não sejam aquellas dadas pelos authores.

O premio será conferido áquelle que maior numero de decifrações mandar em seis n.ºs seguidos.

Havendo mais que um concorrente com equal numero de decifrações será o premio sorteado entre elles.

Haverá tambem um premio de consolação que será sorteado entre aquelles que decifrarem metade das charadas publicadas em cada n.º dos seis n.ºs do concurso.

As produções quando se referam a cidades, rios, serras, etc. estrangeiros, o author assim deve declarar. Quando o não faça, entende-se que são portuguezes.

A todos os productores de charadas para a *Perola*, pedimos a gentileza de nos enviar

novas produções, porque as existentes poucas são.

As produções devem vir em bocados de papel, contendo cada um, uma só charada.

CONDIÇÃO INDISPENSÁVEL

Quando alguns dos concorrentes encontrar como solução de charadas qualquer palavra pouco vulgar ou que não seja corrente na lingua portugueza, deve indicar o dictionario onde a encontrou.

Escuzado será dizer que procedemos com todo o escrupulo e justiça e que não haverá nada nem ninguem que nos leve a favorecer um em detrimento de outro.

O concurso ficará sem effeito desde o momento que não hajam pelo menos quatro concorrentes.

DECIFRAÇÕES DO N.º 28

1, Mascarão; 1-a, Pegado; 3, aporosa; 4, ada; 5, Socorram-Marrocos; 6, galga-galgas; 7, acre-acreo; 8, Cuba; 9, Chulo, 10, Oca 11 Dabo-Daba 12 Virgilio-Virgilia 13 Nobrecente, 14 Loboloba 16 Consciencia.

CHARADA EM VERSO

(Ao Jó-Féra)

1 Vem Odeveza mui modesto,
Felicitar um charadista,
E entrar no concurso, lesto,
Aspirando essa conquista.

Vem cumprimentar o Jó-Féra,
Que em charadas é sabichão,
O que toda a gente assevera
Sem que haja centestação.

O que é feito do seu valor
Em campanhas demonstradas,
Com charadista d'equal theor
Em matadouras de charadas?

P'ra vêr se ainda é valente
Offereço-lhe esta charada,
O qual ficarei muito contente
Se a vir por si decifrada.

E' moeda grega e romana,—3
Não sou o unico que a tenho—1
Tambem minha irmã Juliana
A possui d'equal desenho.

Como vê é facil o conceito,
Está bem em evidencia
Que saúdo e com respeito
Quem tem assim intelligencia.

Odeveza.

EM PHRASE

2 Existe uma preposição redonda na geometria—2—2.

3 Sou sempre a favor de qualquer bodegueira quando este seja honrado—1—1.

Barbas de Bagaço.

4 N'uma cidade de Italia, na residencia antiga dos nobres a diviza era aperfeiçoar—2—2.

5 Senhor! Elle pede em nome do que mais se venera, pois isso está na obrigação d'aquelle que fizer uma supplica.

Raphael d'Altamira.

TRANSPOSTA

6 Escada — 3

Judith.

LOGOGRIPHO TELEGRAMMA

7 Na cidade estrangeira está em exposição esta serpente

1, 7, 8, 9, 5, 6, 2
1 4 3 2 5 6 9

Manoel Christovão.

TRUNCADA

8 Da arvore laurincia pende uma vazilha—3.

DUPLAS

9 O propheta trouxe um peixe do mar—2

Rosa Chã.

TYPOGRAPHICO

10 A (o) E $\frac{I}{T}$ Q $\frac{T}{A}$

Amelia Nogueira.

NOVA LOJA

DE FAZENDAS

Manoel Alves Correia

Rua da Graça

OVAR

A PEROLA

Jornal litterario — Quinzenal

Anno 2.º • Quinta-feira, 3 de Março de 1910 • N.º (29)-29

Snr. _____

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha